



### **Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Batman Zavareze**

Sou o Batman Zavareze, bacharel em Comunicação Visual, mas eu sempre me interessei em pesquisar muitas interferências em meus trabalhos. Eu estudei design gráfico, entrei na faculdade no início dos anos 90, quando o lápis ainda era a ferramenta prioritária de um designer, e quando eu saí, o computador assumiu esse papel de uma forma muito radical, ali eu entendi que tava vivendo uma nova revolução, uma invenção tecnológica estava chegando e tomando conta de espaços nas nossas vidas e nas profissões futuras. O papel principal da arte é estimular um pensamento livre, sem amarras, mesmo que você seja um advogado, um operário de uma fábrica ou um padeiro, é fundamental criar e ser impactado pela arte, e isso vai refletir em você ser uma pessoa mais original, mais fora da caixa e isso vai te ajudar na sua profissão, seja qual for, au menos para encontrar espaços e pensamentos críticos, no mínimo para enxergar novas formas de ver e intervir no mundo.

A arte é instigante e o impacto dela em nossas vidas é fundamental para oxigenar nossas almas, nossas mentes, nossos pensamentos críticos e também a economia. O impacto que a arte traz para nossas vidas é indizível. A arte pode nos ajudar a enxergar novas saídas e, ou melhor, acho que ela pode nos ajudar a encontrar novas entradas diante desse momento que estamos vivendo... e a gente precisa, nesse momento, enxergar novos futuros. O pensamento artístico, da forma mais ampla, faz parte da educação e da formação de um povo, de uma nação. O momento atual tem revelado uma autocrítica e um afeto a partir de uma ferramenta que tava disponível há décadas, o computador, a internet e a conectividade, mas muitas vezes era negada. Certamente nada substituirá a experiência presencial, mas hoje sentimos o outro através da tela, mediado pela tela... isso não deixa que a gente se emocione, seja através da música, seja através da conversa, através do debate, através de uma de um simples encontro de afeto e de carinho. E nesse ponto, essa ferramenta que tá disponível e cada vez mais explorada, agora como uma necessidade, ela tem um papel importante para gente ressignificar o que a gente vinha negando há muito tempo. Toda vez que eu escuto que uma tecnologia morreu para dar lugar a outra eu acho que é uma falácia. As coisas se tornam obsoletas

quando elas não tem mais função. Essa é uma premissa do Design, que estudei, mas é ainda maior, é uma premissa da vida: toda vez que surge algo novo, as pessoas entram em pânico, rejeitam e detectam um fim; mas, na verdade, é um recomeço. Foi assim com as pinturas nas cavernas, depois surgiu a pintura na tela, depois a fotografia... aí quando surge o cinema, começam a dizer que a fotografia ia morrer e agora, com as artes computacionais e eu acho que a contemporânea também explodindo todas as fronteiras possíveis do que a gente passa a chamar de arte, nos levam para outras dimensões, né. Eu acho que hoje a gente tem possibilidade de investigar novos caminhos, né, de uma forma muito ampliada muito e muito extrapolada, saindo de um campo mais bidimensional, investigando uma experiência muito tridimensionalizada, seja nas realidades virtuais, nos hologramas e nas muitas coisas que ainda estão por vir, mas é... a gente tem uma chance agora de novamente redesenhar o uso dessa tecnologia computacional que tá disponível há muito tempo para gente. O futuro do futuro é ser sensível.

A tecnologia não é arte, mas a arte com tecnologia pode apontar para novos futuros. Eu acredito nisso e uso todas as ferramentas tecnológicas que estão disponíveis ou as que são recombinadas para tentar inventar novos olhares, para tentar me sensibilizar. E acho que isso aplica tanto na ciência, na medicina, na educação e na poesia. As experiências nas mídias digitais nos levam para outras formas amorosas que estávamos anestesiados em nosso cotidiano do século passado, de março de 2020 para trás. A arte para mim é emocionar, é atravessar várias disciplinas, várias técnicas para enxergar algo novo. Tem um ponto, que eu acho que também é muito sensível e esse momento extremamente pertinente, é praticar uma educação de algo que a gente pouco trabalhou, né. O escritor Jorge Luis Borges ele afirmava que “é muito mais complexo ser um leitor do que ser um escritor” e o cineasta Peter Greenway ele complementava a partir desse pensamento “é muito mais difícil compreender uma imagem do que produzir uma e só porque você tem olhos não quer dizer que você saiba ver”. Isso para mim é muito impactante, a gente tem que aproveitar essa pausa planetária para nos educar, educar de algo novo, é como se a gente tivesse dando um restart no nosso sistema cerebral cognitivo. Esse é o momento mais generoso para a gente aprender onde poderíamos ser maiores e melhores e, especificamente em relação a arte, eu acho que ela sempre vai ter um papel de alento para as nossas almas, ela vai oxigenar nossos pensamentos para imaginarmos caminhos possíveis. A arte sempre foi e sempre será liberdade.